

EDUCAR PARA A BELEZA? UM DESAFIO PERANTE DOIS ARTISTAS

Maria do Rosário Leitão Lupi Bello
Universidade Aberta

Há uns tempos fui convidada a participar num encontro organizado num Centro Cultural de Roma, onde tomavam parte muitos professores, uns quantos escritores e poetas, um grupo de estudantes e algum público diverso. O tema era "Educare alla Bellezza". Ao reler, passado algum tempo, a minha intervenção oral – que se centrou em dois autores nacionais, Sophia de Mello Breyner e Manoel de Oliveira – pareceu-me que valia a pena voltar a considerar alguns dos aspectos que então me ocuparam. É essa breve e simples reflexão – semelhante à de Itália (com o seu "quê" de testemunho pessoal e de objectivo pedagógico), embora atravessada por novos pensamentos e pela adequação ao contexto nacional – que aqui proponho agora, sem uma pretensão mais estritamente "académica".

"Educar para a beleza": esta é uma proposta a contra-corrente. Culturalmente pode dizer-se que a beleza perdeu credibilidade. Ou talvez se deva dizer, antes, perdeu

¹ Maria do Rosário Lupi Bello é Professora Auxiliar na Universidade Aberta, em Lisboa, onde lecciona nas áreas da Teoria da Literatura, dos Estudos Fílmicos, da Literatura Comparada e dos Estudos Interartes, tendo feito o seu doutoramento em Teoria da Literatura (relação entre a narrativa literária e a narrativa fílmica) em 2002 na Universidade Aberta, de que resultou o livro *Narrativa Literária e Narrativa Fílmica. O caso de "Amor de Perdição"* (¹2005, ²2008). Como professora convidada, leccionou Tradição dos Grandes Livros na Universidade Católica Portuguesa (2003-2004) e Narratologia Fílmica na Universidade de Coimbra (2005-2007), tendo sido responsável por dois cursos de Pós-Graduação em Literatura e Cinema no Brasil (na USP de São Paulo e na PUC do Rio de Janeiro (2011-2012) e de Dramaturgia e Cinema na UNESP (Araraquara – 2016). É coordenadora da Licenciatura em Humanidades e Vice-Coordenadora do Mestrado em Estudos Comparados – Literatura e Outras Artes, ambos da Universidade Aberta. Além de membro do CECC (Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, sediado na UCP) colabora com o CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies), fazendo investigação e publicando sobretudo nas áreas da Teoria da Narrativa e dos Estudos Fílmicos, com particular enfoque em cineastas como Manoel de Oliveira, Andrei Tarkovsky, Carl Dreyer e Robert Bresson.

EDUCAR PARA A BELEZA? UM DESAFIO PERANTE DOIS ARTISTAS

Maria do Rosário Leitão Lupi Bello
Universidade Aberta

dimensão, profundidade, capacidade de provocação, valor vertical. Tornou-se unidimensional, débil, sentimental, etérea – embora esteja em todo o lado. É uma obsessão horizontal, sem raízes. Damos valor à beleza física, à moda, aos carros e às casas, às viagens, até à "cultura", mas somos como turistas de máquina fotográfica na mão, captando uma exterioridade sem nos deixarmos cativar pela sugestão do que vemos. Perdemos a capacidade de resposta à solicitação que a beleza das coisas nos faz. A própria arte – salvo honrosas excepções – deixou de acreditar neste seu antigo "poder" de *re-apresentar* o belo. Ou então vê essa sua possível tarefa como uma escravidão da qual se quer libertar. Em vez de servir a beleza quer servir-se a si própria.

No fundo sabemos que o que se perdeu pelo caminho (ou, pelo menos, aquilo que se obscureceu) foi a capacidade de conhecer. Perdeu-se de vista, melhor dizendo – por entre mil tendências de cunho relativista – a *fé na possibilidade* de conhecer, de atingir certezas razoáveis naqueles âmbitos da existência que não estão sujeitos ao método empírico-científico, ao pensamento matemático ou ao raciocínio silogístico. Mas o conhecimento nasce sempre, de algum modo, de uma confiança, sem a qual não se justifica o trabalho de dar um passo na direcção do objecto entrevisto, para o investigar.

A beleza como fascínio não morreu nem poderá morrer. Faz parte da natureza do coração estremecer diante do que é belo. O problema estará no modo como se interroga esse estremecimento, como ele é lido, como lhe são dados, ou não, "ouvidos". Na minha história pessoal posso identificar com clareza o primeiro apelo – ainda inconsciente – da beleza de um modo concretíssimo. De tal modo concreto que, ainda criança, "decidi" em que escola queria estudar – e "convenci" os meus pais da importância da minha "decisão" – porque era uma escola semelhante àquela que encontrara nos livros que lia e que na época me apaixonavam, como os da Condessa de Ségur e os de Enid Blyton. As aventuras narradas por estas autoras, em particular no segundo caso, em que a acção se centrava frequentemente na (aos meus olhos interessantíssima) vida de duas irmãs gémeas que estudavam num colégio interno,

EDUCAR PARA A BELEZA? UM DESAFIO PERANTE DOIS ARTISTAS

Maria do Rosário Leitão Lupi Bello
Universidade Aberta

fez-me suplicar à minha mãe que me levasse a conhecer uma escola semelhante, perto de Lisboa, que tinha sido um antigo mosteiro. A sua beleza e o seu fascínio "antigos", bem como a ordem e harmonia que aí se impunham, nos seus claustros silenciosos e nos corredores imaculadamente encerados, impressionaram-nos decisivamente às duas, de tal forma que, embora os meus pais não tivessem pensado deixar-me entrar numa *boarding school*, aceitaram a minha proposta de fazer essa experiência durante um ano. Fiquei por lá até à entrada na universidade.

Tornou-se, pois, claro para mim, mais tarde, que a beleza começou por falar-me *directamente*, co-movendo-me, fazendo-me tomar decisões concretas. Uma certa simplicidade, infantil, fez-me pôr em acção um mecanismo natural: o estabelecimento imediato entre o que via (ou lia) e a realidade, a *minha* realidade. Depois, com o passar do tempo, fui experimentando as várias posições possíveis diante da beleza, embora sem nunca ter chegado a renunciar a ela – coisa que podia talvez ter acontecido. Não aconteceu, em grande medida por ter tido professores e mestres que foram mantendo viva em mim a consciência de que entre a promessa que a beleza faz e o desejo do coração há uma correspondência possível.

Gostava por isso de relembrar aqui dois artistas que me são particularmente caros. Eles são, e continuam a ser, verdadeiros mestres: Sophia de Mello Breyner Andresen e Manoel de Oliveira.

EDUCAR PARA A BELEZA? UM DESAFIO PERANTE DOIS ARTISTAS

Maria do Rosário Leitão Lupi Bello
Universidade Aberta



Sofia de Mello Breyner Andersen

Sophia, que, além de escritora e poeta, traduziu textos tão importantes como *O Anúncio a Maria*, de Paul Claudel, e *O Purgatório*, de Dante, é uma das pessoas que mais me fez amar a literatura como fonte de beleza e de descoberta da vida. Num primeiro momento isto aconteceu através dos seus contos (ditos) "infantis", que são, aliás, fascinantes narrativas para adultos. Neles descobri um olhar sobre a realidade que fazia vir à superfície a sua dimensão misteriosa. Através da leitura dos seus livros, o desejo de grandeza (que me inquietava, dentro da inconsciência própria da infância) era confirmado, garantido, através do seu modo de descrever o fascínio da existência como qualquer coisa de concreto, palpável, dentro da aparente banalidade de um quotidiano que, deste modo, se tornava aventura permanente. Os contos de Sophia, tantas vezes inspirados no seu amor ao mar, à praia, à natureza, ao mistério do humano, não levam as crianças – certamente não me levavam a mim – a um desejo de alienação do real. A sua fantasia não é instrumento de evasão, mas antes possibilidade fascinante para aprender a olhar a vida com mais atenção, em busca dos sinais dessa maravilha escondida que Sophia parecia entrever em tudo. Uma natureza encantada emerge das suas palavras límpidas e brilhantes, que descreviam factos concretos e reais, carregados de promessa.

EDUCAR PARA A BELEZA? UM DESAFIO PERANTE DOIS ARTISTAS

Maria do Rosário Leitão Lupi Bello
Universidade Aberta

O início de um dos contos que vi publicado em Itália, *O rapaz de bronze (Il ragazzo di Bronzo)* pode constituir um de mil exemplos de como um simples jardim se pode revestir de um sentido de dignidade, maravilha e misteriosa profundidade, que desperta no leitor um sentimento de espera ansiosa e feliz:

"Era uma vez um jardim maravilhoso, cheio de grandes tílias, bétulas, carvalhos, magnólias e plátanos. Havia nele roseirais, jardins de buxo e pomares. [...] Ora num dos jardins de buxo havia um canteiro com gladiolos. Os gladiolos são flores muito mundanas. E aqueles gladiolos achavam que o lugar mais chique do jardim era esse jardim de buxo onde eles moravam. – Os jardins civilizados – diziam eles – são sempre jardins de buxo. Perto dos gladiolos estava um caramanchão com glicínias e bancos de azulejos. – Nos jardins antigos – diziam os gladiolos – há sempre azulejos. Os buxos, quando ouviam isto, sorriam e murmuravam [...] – Nos jardins antigos havia buxo e azulejos, mas não havia gladiolos. Pois a raça dos buxos é antiga, mas a dos gladiolos só começou a estar à moda nos últimos trinta anos. Mas os gladiolos gostavam muito de ser gladiolos e achavam-se superiores a quase todas as outras flores. Os gladiolos admiravam secretamente as camélias, mas não tinham muita consideração por elas: achavam que elas eram esquisitas e irritantes. [...] Mas os gladiolos admiravam as camélias por elas não terem perfume, pois, entre as flores, não ter perfume é uma grande originalidade."

Mas foi só mais tarde, quando descobri a sua poesia, que percebi o porquê deste seu modo de falar da realidade, e portanto a razão pela qual posso afirmar que esta autora me educou ao valor da beleza.

Uma das passagens mais famosas da sua arte poética revela muito desta espantosa artista:

EDUCAR PARA A BELEZA? UM DESAFIO PERANTE DOIS ARTISTAS

Maria do Rosário Leitão Lupi Bello
Universidade Aberta

"A coisa mais antiga de que me lembro é dum quarto em frente do mar dentro do qual estava, poisada em cima numa mesa, uma maçã enorme e vermelha. Do brilho do mar e do vermelho da maçã erguia-se uma felicidade irrecusável, nua e inteira. Não era nada de fantástico, não era nada de imaginário: era a própria presença do real que eu descobria. Mais tarde a obra de outros artistas veio confirmar a objectividade do meu próprio olhar. Em Homero reconheci essa felicidade nua e inteira, esse esplendor da presença das coisas. E também a reconheci, intensa, atenta e acesa na pintura de Amadeu de Sousa Cardoso. Dizer que a obra de arte faz parte da cultura é uma coisa um pouco escolar e artificial. A obra de arte faz parte do real e é destino, realização, salvação e vida."

Para Sophia este encontro com a presença da maçã vermelha, esta evidência do *esplendor da presença do real*, foi o acontecimento que a fez intuir a sua vocação artística. Aqui reside também o aspecto essencial de uma verdadeira educação para a beleza: a possibilidade de compreender (sobretudo através de um testemunho pessoal, do seu pessoalíssimo modo de olhar a existência) que o real *existe* – que ele é uma *presença* – e que este facto é, por si mesmo, extraordinário, incrivelmente credível, carregado de sugestiva beleza. "Por que razão existe alguma coisa em vez de nada?" é a pergunta que não é possível ignorar, e que ecoa em tantos pensadores e artistas, como é o caso do cineasta Robert Bresson, espantado com essa "coisa" que é o próprio homem: "Que extraordinário – não é? – que um homem seja um homem!". É partindo desta pergunta universal, da intuição de que a existência possa ser um facto bom e belo, que pode arriscar-se o passo seguinte, o da verificação da hipótese de que a realidade seja sinal de outra coisa: se as coisas existem, se o real é uma presença que me convém, que me comove, e se não fui eu que o fiz, de onde vem ele? Quem o fez para mim?

EDUCAR PARA A BELEZA? UM DESAFIO PERANTE DOIS ARTISTAS

Maria do Rosário Leitão Lupi Bello
Universidade Aberta

Quando a beleza é olhada assim, enquanto convite a uma descoberta, pode então aceitar-se o trabalho implicado nessa *pro-vocação*, nesse *ser-se-chamado-para* o real como beleza, como esplendor. De facto, Sophia fala precisamente deste momento inicial como ponto de partida para uma evolução pessoal:

"Sempre a poesia foi para mim uma perseguição do real. Um poema foi sempre um círculo traçado à roda duma coisa, um círculo onde o pássaro do real fica preso. E se a minha poesia, tendo partido do ar, do mar e da luz, evoluiu, evoluiu sempre dentro dessa busca atenta. Quem procura uma relação justa com a pedra, com a árvore, com o rio, é necessariamente levado, pelo espírito de verdade que o anima, a procurar uma relação justa com o homem. Aquele que vê o espantoso esplendor do mundo é logicamente levado a ver o espantoso sofrimento do mundo. Aquele que vê o fenómeno quer ver todo o fenómeno. É apenas uma questão de atenção, de sequência e de rigor."

Torna-se aqui claríssimo o valor analógico da beleza: o real atrai e solicita a caminhar em direcção à verificação do seu significado, da sua verdade. Quem aceita este trabalho "moral" de procurar, como diz Sophia, "a relação justa com a pedra, é levado a procurar a relação justa com o ser humano". Educar para a beleza é, neste sentido, uma educação para a moralidade, para a busca da verdade da (e na) vida, em todos os seus âmbitos. É esta a razão pela qual a poetisa justifica o necessário empenho político, que ela testemunha de modo radical e concreto. Depois da revolução do 25 de Abril de 1974, Sophia de Mello Breyner fez o discurso intitulado "Poesia e Revolução", onde afirmou, entre outras coisas:

"Porque busca a inteireza do homem a poesia numa sociedade como aquela em que vivemos é necessariamente revolucionária – é o

EDUCAR PARA A BELEZA? UM DESAFIO PERANTE DOIS ARTISTAS

Maria do Rosário Leitão Lupi Bello
Universidade Aberta

não aceitar fundamental. [...] É a poesia que me implica, que me faz ser no estar e me faz estar no ser. É a poesia que torna inteiro o meu estar na terra. E porque é a mais funda implicação do homem no real, a poesia é necessariamente política e fundamento da política. [...] Sabemos que a vida não é uma coisa e a poesia outra. Sabemos que a política não é uma coisa e a poesia outra. Procuramos o coincidir do estar e do ser. [...] Porque propõe ao homem a verdade e a inteireza do seu estar na terra toda a poesia é revolucionária. [...]"

Neste sentido, podemos dizer que o trabalho sério levado a cabo nos lugares de beleza que são a poesia, a literatura, a arte, favorecem uma educação humana da pessoa e despertam nela o interesse pela vida inteira. Tem, pois, razão Alain Finkielkraut quando fala do "coração inteligente" (título do seu livro de 2009, *Un coeur intelligent*), o qual deve emergir da verdadeira leitura dos textos (feita de coração e intelecto), e não tanto George Steiner, quando adere à hipótese de Theodor Adorno, afirmando que as "Humanidades" já demonstraram não "humanizar" mas antes, paradoxalmente, terem mostrado poderem contribuir para uma dramática desumanização. Naturalmente que, não se tratando este de um processo "automático" ou "mecânico", a sua subversão pode sempre acontecer, mas, como Sophia nos ajuda a compreender, é a falta desse juízo comparativo diante da obra que leva à recusa, implícita ou explícita, do convite que a arte faz a que se procure *a relação justa com as coisas*. Perante essa recusa, a arte pode então ser vivida como paraíso mais ou menos intelectual e utópico, como desafogo sentimental ou mesmo como evasão vaidosa de quem se considera superior, capaz de saborear as coisas "elevadas" que não se destinam à gente pequena, "normal".

Vale a pena ter presente esta alternativa ao reler os poemas de Sophia, que são, simultaneamente, exemplo de uma beleza oferecida através de palavras densas e límpidas, próprias da sua visão poética das coisas e testemunho da sua atitude perante a vida.

EDUCAR PARA A BELEZA? UM DESAFIO PERANTE DOIS ARTISTAS

Maria do Rosário Leitão Lupi Bello
Universidade Aberta

O poema "Espero" fala desta posição do coração que é a espera, a espera que a presença do real desperta em nós, porque anuncia que alguma coisa grandiosa "ameaça" acontecer.

*Espero sempre por ti o dia inteiro,
Quando na praia sobe, de cinza e oiro,
O nevoeiro
E há em todas as coisas o agoiro
De uma fantástica vinda.*

Em "Pudesse eu" a autora refere o seu desejo de responder plenamente a este convite da existência, convite esse que se desenvolve em forma de drama, de luta dentro do tecido da vida, marcada por esta tremenda desproporção entre a dimensão ilimitada do desejo e a constatação da nossa natureza limitada e frágil:

*Pudesse eu não ter laços nem limites
Ó vida de mil faces transbordantes
Pra poder responder aos teus convites
Suspensos na surpresa dos instantes*

Um terceiro exemplo, "A flauta", exprime a música do silêncio, da sombra encontrada no "canto do quarto", fugaz e eloquente presença do Mistério na aparente banalidade da vida:

*No canto do quarto a sombra tocou sua pequena flauta
Foi então que me lembrei de cisternas e medusas*

EDUCAR PARA A BELEZA? UM DESAFIO PERANTE DOIS ARTISTAS

Maria do Rosário Leitão Lupi Bello
Universidade Aberta

E do brilho mortal da praia nua

Estava o anel da noite posto no meu dedo

E a navegação do silêncio continuou sua viagem antiquíssima

Por último, vale a pena relembrar um excerto de "Navegações", onde explode a intuição de que a promessa de bem feita pela realidade é possível, será cumprida, ainda que nos reconheçamos incapazes de sequer imaginar uma tão imensa possibilidade, quase como se fosse inevitável resistir à própria atracção da Beleza:

Ali veremos a veemência do visível

O aparecer total exposto inteiro

E aquilo que nem sequer ousáramos sonhar

Era o verdadeiro

Nada disto significa, no entanto, que o encontro com a promessa da existência nos possa tornar imediatamente disponíveis a fazer este caminho. Frequentemente, tal convite parece ficar encerrado dentro de um fascínio estetizante, ultimamente estéril, como se a beleza fosse um "lugar" ao lado da vida, aonde nos podemos dirigir de vez em quando para aliviar a tristeza que a fadiga, a desilusão ou o vazio da existência provocam em nós.

A educação para a beleza implica uma espécie de ascese, um sacrifício. Sophia refere-se claramente à possível presunção de uma felicidade sem sacrifício: "Porque se virarmos a cara ao sofrimento, a vaidade da felicidade perfeita nos levará à monstruosidade e ao crime." Em sentido idêntico dizia Daniélou que a diferença entre o artista e o santo é que

"o artista tende [talvez possamos dizer, pode tender] à redenção, à salvação do mundo, à salvação das coisas, sem passar através da cruz: quer realizar a beleza sem passar através do sacrifício, quer 'cumprir' as coisas sem passar através do sacrifício. Pelo contrário, o santo percebeu que para

EDUCAR PARA A BELEZA? UM DESAFIO PERANTE DOIS ARTISTAS

Maria do Rosário Leitão Lupi Bello
Universidade Aberta

realizar as coisas, para 'cumprir' as coisas, é necessário o sacrifício, é necessário aceitar o sacrifício: a isto se chama morte e ressurreição".

No entanto, esta diferença (entre santo e artista) é eliminada se o artista vive plenamente a sua vocação, que radica sempre, de algum modo, numa visão da vida como percepção do verdadeiro, porque o artista tem um coração que mergulha numa experiência humana grande. Daí ter afirmado Bento XVI, quando ainda era cardeal, que "a única, a verdadeira apologia do cristianismo pode ser sintetizada em dois grandes temas: 'Os Santos' que a Igreja produziu, e 'a Arte' que germinou no seu seio".



Manoel de Oliveira

Um outro artista português, o realizador Manoel de Oliveira, favorece a compreensão da necessidade deste trabalho moral, de busca e ascese, suscitado pela provocação da beleza. As suas obras são, de um ponto de vista plástico, esplêndidas, muitas vezes longas e caracterizadas por uma lentidão que as torna difíceis, exigentes. Grande parte do público, habituado a filmes "americanos", comerciais, considera-o pouco interessante, "chato", porque não há hipótese de enquadrar os seus filmes no registo do *entertainment*. No entanto, Oliveira – que sempre afirmou amar

EDUCAR PARA A BELEZA? UM DESAFIO PERANTE DOIS ARTISTAS

Maria do Rosário Leitão Lupi Bello
Universidade Aberta

profundamente o cinema por amar profundamente a vida – sabia bem por que razão não desistia do seu estilo. Afirmava que quando era jovem utilizava sobretudo os planos curtos e rápidos, porque era mais irrequieto. Depois, à medida que amadureceu humana e artisticamente, começou a prestar mais atenção ao mistério contido nas coisas, e assim compreendeu a necessidade e a beleza dos planos longos ou fixos, retirados ao normal decurso da temporalidade. A sua ideia é a de convidar (*pro-vocare*) à contemplação (em sentido etimológico, como sabemos, *con-templum* é aquilo que torna presente o *templum*, o templo, o espaço sagrado do mistério). É este o espaço e o tempo que Oliveira procura e que oferece ao espectador, convencido de que este seja o modo mais concreto de respeitar a sua liberdade, dando lugar à possibilidade do seu encontro com o "dentro" das coisas. Através de histórias que frequentemente deixam o espectador surpreso, perplexo, ele deseja provocar "um olhar que de vez em quando se interrompe". Para Oliveira é o movimento que interrompe o olhar, e não vice-versa, (não é o plano fixo que interrompe o movimento fílmico). E assim o espectador não é poupado ao esforço da atenção nem ao trabalho de tomar posição diante do que vê acontecer. Numa entrevista num jornal nacional, Manoel de Oliveira afirmou que "no céu o tempo é parado". Não porque nada aconteça, mas sim porque tudo acontece simultaneamente: é o território do êxtase, da eternidade não temporal.

A condição necessária para apreciar a arte deste realizador é, portanto, a disponibilidade a um verdadeiro trabalho ascético, a uma abertura do coração, porque diante da beleza dos seus filmes, que não fazem nenhuma concessão ao sentimentalismo, não pode deixar de tomar-se uma posição. Não podendo ser olhada como curiosidade "turística", desafogo sentimental ou bem "burguês", a beleza encontrada na forma artística torna-se potente desafio ao empenho com a vida. São estes os maiores mestres: os que ensinam a entrar na vida assim.

Vem talvez a propósito terminar com uma homenagem aos poetas – aos verdadeiros Poetas – que sabem, por experiência pessoal, que a beleza está irremediavelmente ligada ao cansaço e à dor, porque a poesia é uma intuição lírica

EDUCAR PARA A BELEZA? UM DESAFIO PERANTE DOIS ARTISTAS

Maria do Rosário Leitão Lupi Bello
Universidade Aberta

com uma espécie de força motriz emotiva, que, sendo sumamente pessoal e subjectiva, permite ao homem sair de si próprio, atirando-o constantemente em direcção a alguma coisa de total, distinta de si, fora de si. Aqui fica o legado de Sophia a todos "Os Poetas", aos quais chama "anunciadores do mundo":

*Solitários pilares dos céus pesados,
Poetas nus em sangue, ó destroçados
Anunciadores do mundo
Que a presença das coisas devastou.
Gesto de forma em forma vagabundo
Que nunca num destino se acalmou.*